



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 08 O BATISMO DE JESUSⁱ

Textos-base: Mt 3.13-17; Jo 1.32-34

O batismo de Jesus deve ser visto, em primeiro lugar, no contexto da função e mensagem de João Batista. Este, sabemos, era profeta levantado por Deus para preparar o caminho do Senhor (sua função), e pregava a proximidade do Reino dos céus e a necessidade de arrependimento (sua mensagem). Vinculada à dupla mensagem de João estava sua prática de batizar aqueles que confessavam seus pecados.

Isto, contudo, levanta uma importante questão: se o batismo está ligado ao arrependimento, por que Jesus pediu para ser batizado, visto que Ele nunca pecou e, portanto, não tinha sentimento de culpa e nenhuma necessidade de Se arrepender? Cabe recordar que o próprio João, inclusive, ficou relutante em batizar Jesus (Mt 3.14), certamente consciente de seu próprio pecado e da superioridade moral de Jesus, tanto que acreditava que o mais correto seria que ele fosse batizado por Jesus e não o contrário.

Bem, sabemos que a resposta de Jesus (Mt 3.15) resolveu a questão para João (“então, ele o admitiu”). Mas Suas palavras “porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça” não são fáceis de entender. Alguns têm argumentado, por exemplo, que pelo Seu batismo Jesus estava prevendo Seu “batismo de morte” pelo qual Ele asseguraria justiça para muitos. Todavia, o texto fala do envolvimento tanto de Jesus como de João numa ação que cumpre toda a justiça, por isso não pode se referir a uma morte compartilhada; além disso, no evangelho de Mateus a palavra *justiça* não é usada para referir-se ao que Cristo pela Sua morte assegurou para outros, e sim à vida e à conduta que se conformam à vontade de Deus.

O melhor, portanto, é compreender o argumento de Jesus de uma outra maneira. O batismo de João estava atado a ambos os aspectos de sua mensagem: o arrependimento e o anúncio da chegada do Reino. Jesus estava dizendo que Ele ser batizado por João seria apropriado para ambos os participantes, pois cumpriria toda a justiça. Ou seja, isso iria apontar para a completa justiça daqueles que fazem a vontade

do Pai. Jesus parece estar sugerindo aqui uma necessidade de se identificar com o ministério de João e o chamado à nação antes que Ele saísse para completar o que João tinha começado. A ligação de Jesus com Israel como um todo o levou a responder ao chamado de João e à necessidade da nação de uma purificação preparatória.

Mesmo no Velho Testamento, uma característica principal do “Servo Sofredor” era a obediência à vontade de Deus; pois o Servo sofreu e morreu para efetuar a redenção em obediência à vontade de Deus. Uma vez que o batismo de João apontava para a época messiânica, a submissão de Jesus àquele batismo tornou-se uma maneira de afirmar Sua determinação para realizar a tarefa que Lhe fora determinada.

Deus Pai afirma a função de Jesus para Ele da mesma forma que identifica com o chamado de João a era do cumprimento que chega. O batismo, desse modo, retrata uma afirmação sobre a função e o chamado de Jesus por Deus através do Espírito. Mas também representa o endosso de Jesus à mensagem de João para a nação. A mensagem de João sobre a libertação divina que se aproxima é abraçada por Jesus.

E então Jesus foi batizado. A correção de Sua atitude de submeter-se ao batismo foi confirmada pela visão do Espírito descendo sobre Ele como uma pomba e o testemunho da voz do céu dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. Essas palavras combinam fragmentos de dois textos do Antigo Testamento: Is 42.1 e Sl 2.7. Juntos eles estabelecem vários pontos importantes. Jesus é apontado como sendo o verdadeiro e amado Filho de Deus e o obediente Servo Sofredor predito por Isaías. O Espírito repousou sobre Jesus (cumprindo Is 42.1-4) não para mudar o status de Jesus ou Lhe designar certos direitos, mas para identifica-LO como o Servo e o Filho prometido, o Messias cujo Reino João Batista havia proclamado, assim como anunciar o começo do Seu ministério público.

Esse fato deve ser visto como um público anúncio Divino de que a obra que Jesus estava prestes a começar a fazer era o resultado do conselho eterno de todas as três Pessoas da Trindade. Assim como essas três Pessoas disseram, na criação, “ façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1.26), era como se Elas estivessem agora dizendo: “salvemos o homem”!

E mais: nenhuma outra voz diretamente do céu jamais se fizera ouvir antes disso, exceto por ocasião da entrega da lei mosaica, no monte Sinai. Ambas essas ocasiões foram marcadas por uma importância ímpar, de modo que o Pai assinalou-as com uma honra toda peculiar: tanto na introdução da lei quanto do evangelho o próprio Deus Pai falou, diretamente do céu.

Por meio dessas palavras, o Pai declarou que Jesus é o Divino Salvador, selado e nomeado para isso desde toda a eternidade, a fim de realizar a obra da redenção. Ele

proclamou que aceitava a Jesus como único mediador entre Deus e os homens. O Pai parecia estar proclamando ao mundo que estava satisfeito com Cristo como a propiciação por nossos pecados, como o nosso Substituto, como Aquele que pagaria o preço do resgate pela família condenada de Adão e como o Cabeça de um povo remido. Em Cristo, Deus Pai via a Sua Santa Lei magnificada e honrada. Através dEle Deus pode ser “justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3.26).

A submissão de Jesus ao batismo de João representa, em síntese, a identificação de Jesus com a aproximação do tempo especial sobre o qual João prega (a chegada do Reino) e uma aceitação do fato de que o povo se prepara para esse tempo ao procurar perdão no contexto do arrependimento. O batismo de João, dado unicamente para esse período, faz essa afirmação preparatória até a chegada do batismo superior do mais poderoso que vem, ao assinalar a chegada de um novo tempo de nova bênção.

Aplicação / perguntas para discussão:

- ✓ João Batista chama Jesus de “o Cordeiro de Deus” (Jo 1.29). Ao contrário do que alguns supõem, por este nome não se compreende simplesmente que Cristo era manso e gentil como um cordeiro. Sem dúvida, isso é verdadeiro, mas seria apenas uma pequena parcela da verdade. Há razões mais grandiosas para Cristo ser chamado assim. Compreendemos por este nome que Cristo foi o grande sacrifício pelo pecado, Aquele que veio para fazer a expiação pela culpa do pecado, através de sua morte na cruz. Ele era o Cordeiro verdadeiro que Deus haveria de prover, mencionado por Abraão a Isaque no Monte Moriá (Gn 22.8). Ele era o Cordeiro verdadeiro, para o qual apontava cada sacrifício feito no templo, de manhã e à noite. Era o Cordeiro sobre o qual Isaías profetizou que seria “levado ao matadouro” (Is 53.7). Era o Cordeiro verdadeiro simbolizado de maneira vívida pelo cordeiro pascal, no Egito. Enfim, Cristo era a grande propiciação pelo pecado, a qual Deus prometera enviar ao mundo, desde a eternidade.
- ✓ João Batista disse que O que viria depois dele era mais poderoso e batizaria com o Espírito Santo e com fogo (Mt 3.11). Em Atos vemos menções a três batismos diferentes: o de João, o batismo de água e o batismo (recebimento do dom) do Espírito Santo (cf., por exemplo, At 10.47,48; 11.16,17; 13.24,25; 16.33). No capítulo 19.1-6, especialmente, fica evidente o caráter temporário e a insuficiência do batismo de João, que não é necessário na Nova Aliança. Diferencie cada um desses batismos, contrastando de modo particular o

batismo de João com o batismo do Espírito Santo, à luz do cumprimento, na Nova Aliança (“em meu sangue”, disse Jesus), de profecias como aquelas registradas em Jr 31.31-34 e Ez 36.24-28.

ⁱⁱ Esta lição é baseada nos livros: **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES); **Meditações no evangelho de Mateus** e **Meditações no evangelho de João**, de J. C. Ryle (Editora Fiel); e **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações).